

AÇÃO-TEXTO EM DESDOBRAMENTO DE AÇÃO!: considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Scamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)¹

Resumo

Ação! aconteceu em 2015, no mês de maio, e reuniu um grupo de 32 estudantes que, a partir de uma chamada via cartazes, email e Facebook, se deslocaram em um domingo para o campus universitário, na mesma paisagem do rotineiro dia-a-dia, e se dispuseram a encenar suas ações corriqueiras a partir da direção dos membros do grupo propositores da ação. Neste artigo, os mesmos propositores ensaiam questões desdobradas pela prática coletiva-colaborativa que, ao simular o cotidiano de seus "atores", os (re)posicionam como "agentes", e se reposicionam como produtores de fragmentos fílmicos, "agenciadores" de cenas sem narrativa central, observadores do acontecimento-proposta, experimentadores dos produtos-vídeo desta ação e, nesta escrita, como autores de um artigo-ensaio-desdobramento a muitas mãos, que pretende oferecer o exercício da análise ao grupo e estendê-la aos leitores. Pode-se dizer que este artigo tem o intuito de discutir uma proposta que ainda deverá ser desdobrada pelo grupo e que se afirma como cerne de uma peça que se pretende obra não pela via de seus resultados, mas de seus meios (AGAMBEN, 2015), indicando assim o processo-exercício como *corpus* a ser observado e o produto-obra como mero pretexto.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Ecologia. Arte relacional. Colaboração.

Abstract

Ação! (Action!) happened in May 2015 and gathered a group of 32 students who, via posters, email and a facebook call, moved to the university campus on a Sunday morning and, at the same daily routine landscape, were willing to act out their ordinary actions under the direction of GAE Group members, proponents of the action. In this article, the same proponents rehearse questions fielded by the collective-collaborative artistic practice that, by simulating the everyday life of its "actors/agents", they replace it as such, and replace themselves as producers of fragments in scenes with no central

1

O GAE é coordenado pela artista-pesquisadora Paula Scamparini Ferreira. Atualmente é Professora Adjunta no Bacharelado em Artes Visuais Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Professora Adjunta no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) de 2014 a 2016. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pesquisa paralela à própria produção artística desenvolvida na linha de pesquisa Poéticas Interdisciplinares. Mestre pela mesma instituição, com pesquisa desenvolvida na linha de pesquisa História e Crítica de Arte. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como artista, diretora de arte e é professora convidada da Escola de Artes Visuais (EAV) Parque Lage.

Participam do GAE Camila Felicitas Ramirez de Castro, Marcos Vinicius de Brito Amato, Maria Luiza Magalhães Gomes, Matheus de Simone Maciel, Paulo Rafael de Souza Rossi.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

narrative, of the action-proposed observers, experimenters of the product-video of this action, and at this moment, as authors of an article-test-deployment written in many hands, that offers the exercise of analysis to the group and extend it to readers. This article is meant to discuss a proposal that seems to be still in progress, which is due to be developed by the group, and finally, as the core of a piece that is intended to work, never their resulting but their means, thus indicating the process as corpus to be observed and the product-work as an excuse.

Keywords: Contemporary art. Ecology. Relational art. Collaboration.

.ação!

Antes – ou ao lado – das negociações com o campo da arte, suas instituições, desde a introdução exposta ao campo alargado da cultura, e/ou finalmente situada no campo da política – onde a produção artística há muito se insere desde apenas enquanto temática até os ativismos artísticos hoje bastante comuns – há, em proposições que contam com a coletividade (ou colaboração) para acontecer, e assim a têm como cerne de sua existência, uma *ecologia*² interna que toca, ou se afirma como política em si. No caso de *Ação!* o fazer coletivo, sua reflexão anterior, presente e posterior ao fazer, de modo que este “fazer” sugira questionamentos e desdobramentos variados, no âmbito da universidade e em cruzamento com o campo da arte é, desde a largada, um fazer político.

Essa política “mínima”³, que atravessa questões do ensino na universidade, das relações estudante-professor, das relações acadêmicas sala de aula-campus-ateliê, das relações do circuito da arte que aproximam grupo de pesquisa-artistas-estudantes-espaço (meio) expositivo, merece ser contemplada, se tencionarmos abordar uma política cotidiana, que não se pretende representativa (de mundo), mas que se defende ativa (em mundo), ainda que em pequena escala, e que passa a ser determinante uma vez que (re)forma indivíduos, (re)posiciona a questão da coletividade e (re)insere o ordinário próprio enquanto matéria de reflexão, procurando nesta reinserção doar potência a ações ínfimas, pretendendo assim reescalonar e emancipar indivíduos-propositores-colaboradores-leitores enquanto agentes.

2

Ecologia enquanto ecossistema que permite existência de coletivo, comunidade, que se sustenta via práticas, num ciclo que permite que esta mesma exista, e que se determina via relações inter e exter sua proposição, tracejada desde um ponto de partida em comum, ou em rede rizomática inter relacional.

3

Se pudermos assim nos referir a um mínimo da política, compreensível via Agamben (2015) em suas notas sobre a política, informada pela micropolítica foucaultiana.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Lê-se, portanto, o desdobrar de uma ideia inaugural que pretendeu questionar atos, gestos e ações humanas corriqueiras, na esteira das compreensões desde Foucault (1974) e Agamben (1995) que, em pesquisa de campo que se confunde com (ou se dá via) ato artístico, se propôs a experimentar a confusão real-ficcional mais típica dos palcos e telas de cinema, senão presentes corriqueiramente nas telas da tv (inclusive na programação “informativa”), utilizando para tanto o suporte final, o vídeo⁴, já inscrito enquanto espécie de categoria também do campo das artes.

.a experiência

Ação! é uma experiência pensada e desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Arte e Ecologia (GAE)⁵, que se dedica desde 2015 à pesquisa, discussão e desenvolvimento de projetos teórico-práticos. Projetos estes que, em comum, mantêm como ponto de partida a revisão do termo paisagem⁶, destituído de função ou mediação como representativo de mundo, e convertido em ideia propulsora, ou em dispositivo de prática artística que, adiante, absorve o termo ecologia⁷ – seja enquanto conceito ou também dispositivo para práticas artísticas de cunho coletivo-colaborativo – pretendendo exponenciar experimentações conceituais e fazeres.

Para o projeto Ação! foram realizadas filmagens no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na área externa da entrada do Instituto de Artes e Design (IAD), contando com a colaboração de estudantes da UFJF, sobretudo do próprio IAD. Durante a pré-produção de Ação! foi divulgada uma convocatória, via redes sociais e cartazes, com o intuito de formação de um rol de colaboradores que participariam da captação das cenas filmicas. Não foram divulgados roteiro de trabalho e quaisquer detalhes a respeito de como se daria a participação dos então convidados. O primeiro desafio da empreitada residiu, portanto, em estimular o deslocamento de um grupo razoável de estudantes/professores/funcionários para o campus universitário em um domingo pela manhã, sem oferecer contrapartida imediata, o que, neste texto, introduz a questão dos colaboradores, na tentativa de ajuste de compreensão a respeito de processos coletivos no campo da arte.

4

A questão do vídeo como arte pós-medium, desenvolvida por Rosalind Krauss (1999) forma esta escolha, e o artigo “...”, publicada na revista Artefactum (2016) expõe mais longamente algumas das questões real-ficcional consideradas por nós.

5

Grupo de Pesquisa em Arte e Ecologia, de teor teórico-prático, iniciado em sua primeira formação em abril de 2015, conta hoje com pesquisadores, estudantes e professores das Universidades Federais de Juiz de Fora (UFJF), do Rio de Janeiro (UFRJ), e da Universidade Federal do Vale de São Francisco (Univasf). Parte do grupo se reúne na escrita deste artigo.

6

Ferreira (2014) Tese de doutorado Escrita em auto-paisagem, defendida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ (disponível em: <<http://artefactum.rafom.com.br/index.php?journal=artefactum&page=article&op=view&path%5B%5D=1050&path%5B%5D=570>>)

7

Guattari (1990) divide o conceito em três registros ecológicos, o do meio-ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana...

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

No processo de pré-produção de *Ação!* foram realizadas reuniões entre os membros do GAE e os primeiros colaboradores, em que foram definidas “funções” de cada um dos presentes, transmutados em “equipe” de captação audiovisual para a realização da posterior filmagem, nossa primeira interação prática enquanto grupo. Fomos organizados entre diretores, fotógrafos, produtores, assistentes etc. Foi projetado um “plano de filmagem” inicial pela equipe de direção, que descrevia posições de câmeras, ações a serem realizadas pelos “atores” (cenas), e posicionamentos em cena destes personagens, de acordo com a estrutura da locação-cenário escolhida neste íterim. Manteve-se em aberto, porém, uma série de fatores, como o número de atores/figurantes, o desenvolvimento de cada ação, os tempos de duração de cada cena, de cada trânsito dos personagens, que deveriam ser definidos entre si *in loco* e *in momentum*, se pudermos assim dizer. Isso nos levou a um roteiro falho, que precisou ser formatado especificamente para uma possível filmagem aberta, como a que posteriormente percebemos ter realizado. Atribuímos aqui o significado de obra aberta (ECO, 1962) ao processo fílmico realizado, sobretudo no sentido de endereçar ao colaborador um lugar (papel) para além do previsto (o figurante), e possibilitar a este o lugar de fala (o protagonismo), ou seja, a tomada de posição diante da proposição-câmera. Procedendo desta maneira, nota-se que posições assumidas provisoriamente por cada um de nós enquanto diretores, fotógrafos, produtores etc., foram atravessadas pelas sugestões próprias da cena, como “acontecimento”, ausente de ensaio e cujo roteiro se definiu por seu caráter móvel, maleável. Deste modo, durante as filmagens, cenas foram reinventadas, (re)espacializadas e (re)editadas pelos participantes-autores, na tentativa coletiva de atingir, em representação, uma verossimilhança de tal cotidiano típica das reproduções técnicas (BENJAMIN, 1968).

No dia 31 de maio de 2015, a partir das 8h da manhã, o grupo se reuniu. Compareceram 26 pessoas, entre estudantes da UFJF e amigos ou companheiros destes (figura 1). Quatro câmeras foram posicionadas de maneira estratégica pelo diretor de fotografia, com o intuito de abarcar diferentes perspectivas da entrada do Instituto. “Atores” foram orientados pelos diretores a entrar e sair de cena, cruzar a câmera, estabelecerem

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

interlocução entre si, respeitando breves diretivas: “Venha daquele canto da câmera, cruze o quadro, encontre tal pessoa, compre um bombom, converse um pouco, se despeça e entre pela porta do Instituto”. As cenas, previsivelmente corriqueiras para os presentes, permitiram às filmagens uma organização própria, apropriada do campo do Cinema, que porém deslocava aos participantes pois, mantinha caráter aberto assumindo uma espécie de precariedade diretiva, num quê de deriva ativa, coletiva e interessada, que indica a mais enérgica e constante propriedade da pesquisa do grupo GAE.

Decorrido algum tempo de filmagem, buscando explicitar a “encenação” constante em *Ação!* como opção e experimento se sugere que, os diretores apareçam em cena, trazendo em mãos “planos de filmagem”, reposicionando “atores”, e apropriando-se de clichês do *backstage* cinematográfico. *Corta!* Até hoje não tornamos pública tal “versão encenada” do vídeo. O que nos interessa aqui expor é que, em algum momento da realização da proposta, tal “encenação” foi colocada em prática. Nota-se que passamos a assimilar com naturalidade à escrita, assim como se deu no processo de produção de *Ação!*, termos e práticas próprias ao campo do audiovisual, uma vez que a proposta não apenas utiliza procedimentos próprios da área, mas “flerta” com questões colocadas por seus teóricos, inclusive postas em relação à prática de artistas que usam o “meio” (KRAUSS, 1999) filme na arte contemporânea⁸. Há de, ao se abrir o presente parêntese, indicar que basta visitar o portal web das últimas bienais e grandes eventos de arte espalhadas pelo mundo, que se observará notadamente como no contexto atual as artes ditas “cinematográficas” e ditas “visuais” se atravessam, indicando vezes larga indiscernibilidade entre tais, em especial aos reais e ficcionais que estas ensejam (DUBOIS, 2009). Talvez nos deparemos então com a mais relevante razão para *Ação!*, dada antes mesmo de a sabermos: nosso argumento secreto talvez seja a curiosidade acerca da verdade de nossas ações cotidianas, nossa propriedade sobre estas, e a integridade com que cada uma delas – de um bocejo a um apertar de mãos – se apresenta em mundo, além do desconforto de sabê-las aprendidas, apreendidas de fora, o que, superficialmente nos denomina seres culturais, e intimamente alija nossos desejantes braços levantados ao alto pelas ruas da cidade.

8

Dubois (2009) ressalta a capacidade de doação de uma quarta dimensão ao cinema, quando o filme é distribuído espacialmente em telas que não apenas relativizam mas transformam sua duração, linearidade, e fazem do espectador de fato interlocutor.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)



Figura 1 :: Colaboradores Ação!. foto de equipe. IAD/UFJF. 31 de Maio de 2015.

.um filme

A primeira e imediata resultante de Ação! consistiu, naturalmente, em quatro vídeos independentes, porém selecionados enquanto conjunto dentre os tantos takes realizados em "plano-sequência". A possibilidade de uma edição em vídeo-único foi descartada pelo grupo, que decide se posicionar como observador do acontecimento-filmagem, rejeitando uma edição criativa que indicasse um produto videográfico diferente do próprio acontecimento. As imagens captadas se confundem, então, entre imagens-documento de uma ação realizada, destinadas ao registro de um acontecimento ou ato artístico, e imagens-movimento que possibilitam introdução de elementos que doem a estas caráter fílmico, cênico. Da dupla-inclinação, ou desta indecisão, aparentemente se respeitou a opção mais diretamente relacionada às preocupações que inicialmente guiam esta prática coletiva: a da observação.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Opta-se pelo mínimo de edição, corta-se cada vídeo no mesmo ponto, inclui-se legendas iniciais e finais e tem-se as imagens-movimento dadas pelo tempo que duraram de fato. A “filmagem aberta”, realizada de modo experimental a partir de comandos no ato da captação, ao tornar inviável o cruzamento de planos entre *takes* diferentes, determina a primeira forma-ensaio dos possíveis vídeos resultantes da ação: a sequência de ações, ou a “narrativa” em vídeo, segue, portanto, o tempo cronológico, linear, em seus diversos quadros fixos. Os planos-sequência determinam também a forma expositiva, pois naturalmente sugerem entre si exibição simultânea, que ofereça ao interlocutor a formulação completa de um todo, inesistente, observado via suas partes. Adiante, porém, tal forma fílmica permitiria ser modulada espacialmente, criando um parêntese à linguagem cinematográfica e suas ditaduras (GREENAWAY, 2006) oferecendo ao interlocutor o poder sobre sua duração, a duração de cada enquadramento, os cortes no tempo linear videográfico, as sequências montáveis entre os diversos vídeos, enfim, a edição das imagens-movimento, dada ao sabor de seus passos pelo espaço expositivo.



Figura 2 :: Ação! (frame). Vídeo em 4 canais 10'49" cada. 2015

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Poucos meses após a captação dos vídeos, nos deparamos com a possibilidade de exposição de um produto-obra de arte, disparada pelo I Circuito de Arte Atual, série de exposições simultâneas nos espaços culturais e galerias comerciais de Juiz de Fora, promovida pela Pró-Reitoria de Cultura da UFJF. Apesar do desejo do grupo pela manutenção dos planos-sequência fílmicos, sem edição e em conjunto, estar acertado, uma formulação audiovisual prevê que se pense som. Escolhemos expor em galeria comercial e, forçosamente e às pressas, seguimos para a discussão a respeito de um tratamento em edição do áudio original, desde os planos ruidosos de comandos da equipe de direção direcionados aos atores-agentes. Via a colaboração de Baratcho, artista sonoro convidado a participar enquanto editor de som do vídeo, aos sons de comandos que enunciavam ações a serem executadas, se sobrepujaram – provavelmente por uma leitura recente de Bourriaud (2004) –, *jingles e/ou músicas-tema* reconhecíveis ao público brasileiro de TV e cinema comercial. A trilha sonora foi, assim, criada para uma versão em tela única, que ganha o número zero, o que permite *Ação!* a ser alçada de vídeo-experimental, recém-captado e provisório, a obra de arte inscrita em circuito comercial.



Figura 3 :: Ação!.versão 0 (frame). Vídeo em 4 canais. 10'49". 2015

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Em *Ação!.versão 0*, quatro planos-sequência se ordenam dispostos em tela única – qualidade determinada pelo espaço e equipamento expositivos disponíveis na Galeria CasaVinteum em Juiz de Fora, – cuja tela é então dividida em quatro partes iguais (imagem 3). A escolha pelo formato da que se convencionou chamar *versão 0*, de maneira a quase negá-la enquanto produto final (obra de arte), indicam a introdução de discussões no contexto do grupo de pesquisa (em curso), a respeito das relações artista-mercado de arte, e o retorno à tradicional e extremamente atual questão da encomenda no contexto do campo da arte (FOSTER, 2015). Tal indicação nos re-coloca a questão política do posicionamento do artista, quando deparado com mediadores específicos do campo da arte, em seus consecutivos alcance e relevância. Deixemos, porém e por ora, esta questão em aberto, enquanto observação.

Interessa-nos, antes, ressaltar como, a partir da possibilidade aberta por instituições partícipes do campo da arte, ainda que em evento de envergadura local, o trabalho artístico em si, a chamada “obra”, é passível de ser forjada enquanto tal. Todas as “fases” que prevê o circuito são correspondidas em seus anseios: a exposição produzida, seus termos negociados e suas resultantes publicadas, garantem que o ciclo expositivo se complete, ainda que não haja exatamente um produto final, uma obra. Há aí uma interessante e talvez enriquecedora compreensão do cerne do funcionamento do campo da arte, que se permite associar a artistas e grupos de artistas, possibilitando a estes fazerem experiências nem sempre contundentes, e se apropria e distribui, assim, um “algo” em construção, incipiente. Como se pudéssemos expor a fotografia, falha e reticente, de uma criança, antes mesmo de seu nascimento. É atualmente (felizmente) podemos fazê-lo.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)



Figura 4 :: Ação!.versão 0 (vista de exposição). I Circuito de Arte Atual.
Juiz de Fora. 19 de novembro de 2015.

É no sentido de negociar, mais uma vez, com a obra inacabada, que, alguns meses depois, optamos por reexibir *Ação!* durante o evento organizado por nós e nomeado *GAE Convida*⁹. Tratou-se de um evento acadêmico que, como uma de suas atividades, convidou diferentes grupos de pesquisa locais, além do convidado externo NANO (UFRJ), para uma tarde de trocas, com o intuito de expor de forma expandida, pesquisas em andamento. Dedicados à discussão não de resultantes, mas de intenções de pesquisa, montou-se, na Galeria Guaçuí¹⁰, desta vez em quatro telas previstas, uma vídeo-instalação que atravessava a exposição ora em cartaz, onde foram dispostos no piso quatro televisores que exibiam, cada um deles e de forma simultânea, um dos quatro vídeos da *Ação!*, agora em sua primeira versão.

9

GAE Convida ocorreu no dia 17 de fevereiro de 2016, no auditório do Instituto de Artes e Design, que contou com a participação de grupos de pesquisas convidados. Nesta edição, o evento trouxe para o debate os grupos NANO (UFRJ), o ILEA (UFJF) e GIAT (UFJF). Além disso, o evento foi aberto ao público e contou com a presença de professores e alunos da UFJF.

10

Galeria do Instituto de Artes e Design da UFJF, localizada no prédio do Instituto.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)



Figura 5 :: Ação!. 1ª versão (vista de exposição– detalhe). Galeria Guaçuí. Juiz de Fora

As exposições de *Ação!* proporcionaram indagações distintas para seus diversos interlocutores – frequentadores das galerias, estudantes, pesquisadores, galeristas– por aqueles habituados ao espaço “cênico” apresentado pelo vídeo (professores, alunos e funcionários do IAD), pôde-se inicialmente supor a ação de câmeras de vigilância funcionando “em tempo real”. Compreensão esta sobreposta quase imediatamente pela recorrência da sensação de que a *trilha sonora* pudesse assumir finalmente a falsidade dos acontecimentos. Ao espectador não habituado a tal “microcosmo”, indagações ainda mais superficiais – mas não menos enriquecedoras – para nós se colocaram, tais como: “O que é este lugar? Por que razão pessoas entram e saem? Qual a relação existente entre as imagens e esses *jingles*?”¹¹. Para além da constatação de que a *trilha sonora* tenha criado um subproduto que jamais desejávamos, mas que nos auxiliou nas reflexões até o momento, e que, sendo assim, o consideramos *versão*

11

Questões guardadas em anotações e memória pelos integrantes do grupo, feitas por interlocutores durante os momentos expositivos descritos neste texto.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

O definitiva, talvez valha, ainda, uma breve descrição, sempre interessada, do vídeo: Uma música com tom circense parece indicar que um espetáculo está para começar. Pessoas se aglomeram, surge uma garota portando um violoncelo, que senta em um banco, encosta o instrumento, acende um cigarro e ali permanece. Estudantes passam com suas mochilas, em grupo ou solitários. O entra e sai se segue, e o espetáculo continua.

A banalidade das cenas permite gerar nos espectadores expectativas acerca das futuras ações, ao mesmo tempo que permite aos olhares destes que se distraiam entre os detalhes dos acontecimentos, ou da falta deles, sugerindo narrativas diversas. *Ação!* proporciona vários possíveis princípios de narrativas que parecem ter continuidade fora das câmeras, o que leva ao questionamento de seu caráter propositivo. Teria como objetivo causar alguma reflexão ao interlocutor, e com que ferramentas este acessaria tal reflexão? Pode-se supor que sua experimentação diante de uma "audiência" se destina à provocação (BARTHES, 2004) de que uma "obra", exibida a um determinado "público", passa a pertencer a este, cerceada por seus conhecimentos e vivências, deixando com que os mesmos criem suas próprias formas e narrativas, independentemente do discurso de seu autor, uma vez que cada observador teria experimentações significativas diversas – o tal conjunto complexo-bruto de que fala Michel de Certeau (1994).

Até aqui, o "leitor-interlocutor" deste texto encontra uma descrição possível aos membros do grupo que, num processo inaugural ao GAE, procuram trazer a público e à questão, simultaneamente, a descrição do projeto e realização de *Ação!*, desdobrada até o momento, respeitadas as muitas lacunas expostas e abertas enquanto possibilidades por vir. Neste mesmo artigo, entendido como fase atual do processo de produção da *Ação!* em discussão e curso, nos realocamos, desta vez como autores. Se seguirá então uma escrita reflexiva, apesar de, por definição, falha e parcial, na qual o leitor se deparará com alguns dos muitos termos de análise possíveis a este objeto, e com a ausência do desenvolvimento de muitas outras. Lacunas estas que deverão ser escrutinadas adiante, em continuidade a este texto experimental, incipiente, e que ao mesmo tempo se pretende parte do processo de feitura de *Ação!*, afirmando, nesta possibilidade, o teor de nossas mais essenciais pretensões.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

.algumas reflexões possíveis a respeito de Ação!

A partir desta descrição interessada, seguiremos em uma espécie de análise (ou auto-análise) menos das qualidades, e mais dos caracteres e componentes (formais, teóricos...) presentes neste processo-produto, agora já de conhecimento dos leitores que, se formos felizes, nos auxiliarão com propostas e interlocuções em suspiros, controversas, afetos e falas. Para tanto, alguns conceitos precisam ser definidos, ainda que provisoriamente, e destinados a reflexão em curso. Milton Santos (2008) nos fornece algumas ferramentas neste sentido, ao configurar noções que compreendem nossas "matérias-primas".

É necessário talvez, e antes de tudo, explicitar a noção de espaço, de meio. Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 23)

[...] ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é o que conduzem os homens a agir e levarem as funções. Essas funções de uma forma ou outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso dos objetos, formas Geográficas. (SANTOS, 2006, p. 53)

A paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas, mais a vida que as anima. (SANTOS, 2006, p. 66)

As definições de Milton Santos nos parecem apropriadas, uma vez que Paisagem tomada como meio se manifesta neste recorte como conjunto reflexivo, produto de relações inter-humanas acerca de/em determinado

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

espaço, e que, finalmente, aponta a relações homem-natureza, e nos permite observar “um” todo de nossa proposta-acontecimento e suas partes. Buscamos, a partir destas partes, traçar alguns paralelos com o objeto em questão. Tal proposição do que seria “ação” nos conduz a compreendê-la como apenas um dos fatores que compõem tal paisagem, o que serve à observação dos estudantes em interação dadas no campus universitário, e convida à demonstração de que tais gestos, ou “formas sociais”, produto de interações, em um cotidiano simultaneamente construído e improvisado, os insere em uma discussão acerca do estar, participar, do por fim, integrar tal paisagem.

A disposição do vídeo em quatro perspectivas na versão 0 oferece ao interlocutor um recorte construído do indivíduo como elemento e/ou objeto da ação, e a reiteração indivíduo-meio, por sua vez, remete ao verossímil de um cotidiano improvisado apenas dado através da linguagem videográfica, cujo discurso impuro, moldável, “processa formas de expressão colocadas em circulação por outros meios, atribuindo-lhe novos valores, e as suas ‘especificidades’” (MACHADO, 1993, p. 8), da mesma maneira que a interação dos agentes, que se aglomeram aleatoriamente no campo de visão, e a retirada articulada/programada caracterizam uma invenção do cotidiano (CERTEAU, 1994), contaminado, porém, e não apenas consequente da construção de um recorte (seleção) através do olhar videografado. Ação! Pode, assim, atuar como um simulacro do simulacro que os estudantes representam cotidianamente no espaço institucional da universidade.

O inusitado no roteiro de Ação! é que foram (re)encenados e (re)filmados gestos corriqueiros, que já são encenados cotidianamente. Com viés metalinguístico, o filme (em sua versão 0) descreve o registro da vida gravada nas câmeras de segurança, ignoradas pelos agentes-atores enquanto vivem o mesmo cotidiano. O vídeo descreve a atuação comportamental de seus agentes, ativados pelo dispositivo (espaço-cenário-passagem), situados entre o local acadêmico e o não acadêmico: um corredor de intervalo, talvez um não-lugar (AUGÉ, 1993), que determina a “coreografia” dos agentes incorporados em seus respectivos papéis sociais, considerando quais movimentos e ações seriam possíveis e prováveis no roteiro. Com o

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

desenvolvimento abrupto dos meios de comunicação em massa, no último século, e a ampliação do acesso às tecnologias que possibilitam a todos produzir e distribuir imagens a qualquer momento, observamos que a experiência vivida está arriscada a se tornar menos importante que o registro da mesma. Debord (2003, p. 20) sugere que quanto mais espectadores somos, menos estaríamos vivendo. O espetáculo seria, assim, o inverso da vida: um “movimento autônomo do não-vivo”.

A intrigante proposta de convocar um elenco para representar a si mesmo se coloca como alternativa à passividade pós-moderna, prevista por Debord (2003), como impossibilidade do ser humano de intervir e modificar o desenvolvimento da História da sociedade ou civilização, e da sua própria história, sintoma causado pelo afastamento extremo entre o vivido e a representação. Em exibição, mais uma camada se soma, uma vez que a ação é apresentada cinematograficamente em formato vídeo, se alinhando à linguagem apropriada pela sociedade do espetáculo¹² e elevada à máxima potência. O vídeo se coloca diante da questão da representação, sendo, em si, encenação, a ser finalmente experimentada inserida em contexto de exposição/demonstração, enquanto real. Debord atenta ao fato de o espetáculo¹³ ter a finalidade de se auto-promover, e de realizar a manutenção do sistema em que vivemos. Neste sentido *Ação!* joga com uma certa ambiguidade entre aparente neutralidade do ambiente e das ações, e os áudios icônicos e o ritmo real-artificial do movimento da cena. Faz-se nítida a “coreografia” montada, representando em movimento seus agentes, cuja suposta neutralidade não existe, e assim o vídeo parece se fazer afirmação política a respeito da indiscernibilidade entre o meio acadêmico-formador e qualquer outro ambiente, no que tange às formas de reprodução da vida, de seus gestos.

Diferentemente do espetáculo, as imagens apresentadas não contêm “uma” mensagem a ser transmitida, uma narrativa, tampouco oferece conclusões fáceis, imediatas, e, por estas razões, abrem diálogos frutíferos ao(s) interlocutor(es). Nas apresentações da 1ª.versão do vídeo, recorreu a fala de que a ação, organizada e disposta da maneira tal, remetia a dispositivos que se pretendessem observadores ou praticantes de um certo *voyeurismo*. Diante disso, não é de se repudiar a impressão primeira

12

Debord (2003:20) “É a vida concreta de todos que se degradou em universo especulativo”.

13

Debord, (2003:22) “O espetáculo, considerado sob os aspectos restritos dos ‘meios de comunicação de massa’ – sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. As necessidades sociais da época em que se desenvolvem tais técnicas não podem encontrar satisfação senão pela sua mediação. A administração dessa sociedade e todo o contato entre os homens já não podem ser exercidos senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo, é por isso que tal ‘comunicação’ é essencialmente unilateral”.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

de que o trabalho se trata de uma alusão direta a práticas artísticas que lidam com a interferência do olhar do outro sobre determinada questão e que, assim, sobre ela a ação se debruçaria. Contudo, essa leitura (ou versão) não se sustenta por muito tempo, à medida que as camadas do vídeo são acessadas e um distanciamento dessa ideia inicial vai se tornando cada vez mais evidente.

Na versão 0, a disposição das vídeo-experiências em quatro quadros expostos em uma trama seria, por meio de uma associação direta e lógica, uma já apontada referência às câmeras de segurança. Sugere-se que abordar a falta de privacidade seria o objetivo principal do vídeo, talvez devido à exposição constante a que estamos submetidos e a uma sujeição a decisões e movimentos que, embora reflitam diretamente na maneira que nos relacionamos, não partem de nós e fogem de nossa percepção e controle. A literatura frequentemente discorreu sobre o assunto, e *1984* de George Orwell e *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury são exemplos emblemáticos de como uma sociedade distópica, em que o controle e observação constante das atividades dos indivíduos imperam.

Recentemente, livros voltados para um público jovem têm retomado o vislumbre de um futuro de distopia e a espetacularização da realidade, acompanhando um caminho calcado pelos grandes autores do passado, e alcançado um número grande de pessoas – tanto leitores quanto espectadores de suas adaptações fílmicas, que se tornaram, curiosamente, *blockbusters* –, e que também se mostram interessadas cada vez mais no consumo de *reality shows*, programas de TV que se tornaram um produto constante do mercado televisivo e são um exemplo de como a ideia de uma sociedade observada a cada momento tem figurado no imaginário popular de maneira crescente. Torna-se, pois, pertinente tratar dessa “confusão” real-ficcional/dispositivo de controle (FOUCAULT, 1975) por conta do que se insere, enquanto discurso do trabalho, ao se refutar a seguinte pergunta: uma câmera comprometida com a realidade, em sua total despreensão e naturalidade, estaria veementemente atenta com um apuro estético, que abarcaria refino no enquadramento e disposição dos agentes no quadro, de forma que todos se revelassem harmoniosamente ao espectador?

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Em *Ação!* o vídeo demonstra não ter a pretensão de falsear uma realidade. Não se trata de fazer com que o espectador acesse essa imagem e enxergue na banalidade das interações algo em nada diferente do real, mas do contrário. É ao atentar aos elementos que revelam a prática de “coreografar” a realidade, que, de fato, não são tão claras – e não são justamente pela resiliência diante da paisagem, em entendê-la como um dispositivo (AGAMBEN, 2002 puramente ligado a questões físicas e imagéticas –, que *Ação!* confirma um objetivo de pôr em questão o que definiria um cotidiano. A espontaneidade das interações? O ritmo, acelerado ou lento, dos deslocamentos? O ócio diante de um espaço inserido em contexto acadêmico, mas que não lhe serve ativamente enquanto terreno para a reflexão ou construção de conhecimento (a fachada do IAD, a janela, a falta de uma suposta utilidade dessa arquitetura)? Na *versão 0*, recorrer aos quatro quadros, então, seria uma questão a ser visitada diante desses pontos. A associação com um outro discurso que não o traçado pelos proponentes do grupo pode e deve existir, mas o que sustentaria, na imagem, o discurso que é projetado? Ocorre que a presença de planos distintos muito cuidadosos em dispor os agentes e o espaço de maneira que tudo que se apresente no quadro seja acessível, desde as ações até os próprios aspectos físicos e visíveis da paisagem *per se* (as árvores, a luz do sol, a arquitetura do prédio e tudo mais que materialmente contribua para a composição), é essencial para evidenciar um objetivo de colocar essa naturalidade do cotidiano em questão – ou os aspectos físicos e comportamentais que a, mais que constituiriam, construiriam.

Observa-se um diálogo imbricado com a linguagem cinematográfica, que se dá no trânsito entre esses quatro planos tão distintos entre si, detentores de uma função estética cara ao cinema, e também ao se deparar com a própria construção narrativa que existe nos pouco mais de dez minutos de vídeo. Mabley e Howard (1999, p. 54) falam sobre uma estrutura dramática na construção de uma narrativa na linguagem cinematográfica e a sintetiza na divisão de três tempos, que seriam três atos constituintes de um arco. Esses atos existem em *Ação!*, e por mais que algo não seja explicitamente “narrado”, existe um começo, meio e fim, ainda que essa linearidade seja quebrada na disposição do vídeo em sua 1ª versão, colocado em *loop*, por

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

televisores espalhados pela galeria, tornando o espectador responsável por criar essas relações de tempo entre as telas à medida que se move no espaço. Um vazio de interações na paisagem, uma profusão completa de deslocamentos que chega a um ápice e uma volta à monotonia, fechando o arco, serviria a reiterar que as quatro vídeo-experiências pouco ou nada têm de espontâneas, mesmo que em um primeiro momento conduzam o espectador a acreditar que sim.

Pode-se, também, dizer que a noção de uma narrativa qualquer (e mesmo esta), desde que inventada, torna-se redundante ao pensarmos que toda relação de narrativa é *per se* uma invenção. Talvez o melhor exemplo de tal invenção seja a própria vida humana, que, sugestionada pela prática “narrativística” cotidiana, que, diferindo de crenças cosmogônicas tradicionais que sobrepõem tempos e acontecimentos, determina, ao contrário daquelas, rotinas que, ainda que baseadas nas mesmas leis universais que os astros determinam (o dia, a noite, as estações), e que no imaginário de muitos atesta a presença universal de deuses ou seres míticos através dos tempos, prevê que os dias na Terra se seguem uns aos outros de maneira linear, respeitando um tempo que aprendemos a tratar também linearmente. Assim, tendemos a acreditar que, mesmo a vida, começa, tem um meio, e termina, de forma que a ideia de narrativa seja suficiente para abarcar. Percebe-se uma relação intrínseca entre paisagem e narrativa na mitologia que conta a história de povos ameríndios. Segundo Luís Lana¹⁴, para a cultura *Desana*, a concepção de criação de mundo se dá nos limites geográficos de vivência. O mito da criação do mundo começa com a auto-criação de uma mulher a partir das trevas; e como ponto de partida, constrói seu cenário. Em seguida, cria os cinco homens que a ajudariam a conceber o mundo, e cada um deles recebe seu quarto na “maloca do mundo”¹⁵. Estes quartos eram também malocas localizadas nos espaços reais do território que ocupam, situado na fronteira entre Brasil e Colômbia. Se para os *Desana* a ideia de mundo inteiro só abrangia a região conhecida por eles, a relevância dessa relação espaço-narrativa se dá, para nós, a partir do momento em que o mundo inteiro é aquele pedaço específico da Terra, uma paisagem apenas. De forma infinitamente mais simples percebemos a criação de um microcosmos no espaço ao qual o vídeo *Ação!* parece se

14

Presidente da UNIRT - União das Nações Indígenas do Rio Tiqué, que escreve a história de seu povo narrada por seu pai Firmiano Arantes Lana.

15

As malocas, assim como os humanos que vieram de “Waihamasã”, gente de peixe, estavam embaixo d’água e foram subindo pela região dos rios Negro, Amazonas, Auapés e Tiquié.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

limitar, assim como uma narrativa construída a partir desta paisagem, e do que se espera dela, aquilo que profundamente a constitui.

Pode-se dizer que há em *Ação!* uma tentativa velada de se compreender um microcosmo – a universidade, nesse caso – como um (entre tantos) espaço destinado a determinadas práticas (CERTEAU, 1994), e que, por conseguinte, exclui quaisquer outras possibilidades de práticas, exibindo as questões: Quão livres somos? De que se trata o espaço de formação para além de mais um dispositivo? De que se trata, então, formação? Perguntas estas talvez dedicadas à nossa tentativa *naif* de perceber o espaço da universidade de forma diferenciada, e propô-lo menos distante da ausência de compreensão linear de mundo, típica de povos ameríndios, e rejeitando, por sua vez, veementemente, a experiência formadora, que respeita, ainda nestes dias, bases do antropocentrismo e do pensamento moderno como condições não apenas de reflexão, mas de experiência.

.sobre a(s)-gentes em colaboração

Ao tomarmos por agentes aqueles que se inserem na paisagem, partindo do mesmo recorte já dado, em que paisagem é constructo incessante, todos os elementos em “cena” se inserem em, ou configuram, uma espécie de ecossistema. Inicialmente, ao se planejar estímulos à participação um *Ação!*, o futuro agente se configurava ainda como público-alvo¹⁶. Imediatamente aceita a proposta, os participantes adentram a ação coletiva como atores de uma obra aberta que exige destes o posicionamento também como propositor. *Ação!* Insere, dentre seus elementos, o objeto humano, “atores oriundos” do mesmo espaço (SANTOS, 2008, p. 23), porém em um dia atípico, induzidos, assim, à resignificação do próprio cotidiano (ou *modus operandis*) em tal meio/ambiente. Esta “curva” se dá espontânea e surpreendentemente, o que indica uma associação a práticas de cunho participativo já constantes no campo da arte, uma vez que a preocupação, não apenas com a troca entre as partes colaboradores/propositores, mas sobretudo com a ambientação de um terreno onde tais

16

Tomando aqui de empréstimo o termo próprio do campo do design, por exemplo - curso também oferecido pelo instituto que abriga o GAE.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

trocias ocorram e sirvam de disparadoras de outras formas de se relacionar, remete-nos diretamente às estratégias peculiares a proposições artísticas alicerçadas no que se configuraria Arte Relacional.

Foi a partir dos anos 1990 (BOURRIAUD, 2009), que uma prática artística essencialmente voltada para as relações interpessoais passou a ser observada de maneira expressiva, sobretudo as que ocorrem nos centros urbanos, pondo em questão assuntos voltados à própria urbe e às relações que nela acontecem. Embora se saiba que toda arte é, em algum nível, relacional, no fim do século passado os artistas estavam atentos a propor formas outras de se “habitar o mundo”, o artista se concentraria então nas relações que seu trabalho provoca, e em inventar novos modelos de socialidade (BOURRIAUD, 2009, p. 40) – o que talvez seria uma das principais pautas da arte relacional que o teórico descreve. No glossário que o autor organiza, figura o termo “Relacional (arte)”, que seria um “conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo e privativo” (BOURRIAUD, 2009, p. 151).

Um exemplo de arte concentrada na estética relacional é o trabalho de Jens Haaning (1994), que consistiu na instalação, em uma praça pública de Copenhague, Dinamarca, de alto-falantes que reproduziam piadas em turco, de forma que apenas falantes do idioma seriam capazes de compreender o texto. Logo, na praça, um grupo de imigrantes turcos estaria reunido ouvindo as piadas e, nessa microesfera que foi constituída, reside o trabalho. Agregar pessoas, deslocá-las, é nessa ação algo evidente prosto. Nota-se aí certa semelhança entre o proposto por Haaning e pelo GAE, já que ambos atentam a um trânsito físico em um determinado espaço, com um determinado sentido, e que talvez não seja acessado por todos ali presentes. Voltar os olhos ao período em que a arte relacional passou a ser uma prática recorrente é importante para entender como a colaboração em processos artísticos torna-se algo diluído nas diferentes maneiras de se formular proposições em arte, também quando se observa o trânsito entre a figura do artista, do curador, crítico, galerista, acadêmico e outras que fazem parte de um circuito, que colaboram entre si, ou são ativadas por um único indivíduo, que assume diversos “papéis”. Artista, curador,

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

professor, colecionador etc., conforme sistematiza Basbaum (2013) em sua(s) definição(ões) do “artista-etc”.

Diante disso, parece-nos indicado acessar *Ação!* como um lugar fluido, em que os proponentes da experiência e os espectadores frequentam – e aqui talvez uma relação locutor-interlocutor seja mais cabível –, em que tanto os espectadores quanto os colaboradores que estiveram presentes nos dias de gravação, são ativamente contribuintes para a reformulação do discurso do trabalho. Existe aqui uma relação de mão dupla, em que todos são agentes e interlocutores, e a proposição da ação serve apenas como um dispositivo para que essas trocas em rede aconteçam, e resultem em algo indeterminado, ao invés da corrente imposição de uma proposta pronta (tendo em vista um produto), em que a experiência estética serviria a tornar os espectadores passivos de uma mensagem direta, linear, e talvez impermeável à reflexão coletiva, ou até um desvio para assumir possibilidades de mensagens outras. Santiago Sierra contrata colaboradores em suas ações artísticas para executar tarefas. A escolha de seus colaboradores não é aleatória, e determinados grupos devem servir como agenciadores em determinadas situações, situados entre discursos e realidades que dificilmente se encontrariam na prática cotidiana. Em uma de suas ações, Sierra contrata onze mulheres indianas não falantes de espanhol para repetir a frase: “Estoy siendo remunerada para decir algo cuyo significado ignoro”, e as remunera com dois dólares por hora. O artista coloca em evidência a questão do trabalho remunerado e nos oferece a oportunidade de contrapormos métodos de ação artística que agenciam pessoas. Ao assumirmos que jamais nomearíamos colaboradores seus agentes, se torna essencial formularmos um breve ensaio acerca da questão da colaboração em nossos processos artísticos. Em *Ação!* pode-se partir do momento em que o antes “público-alvo” se torna colaborador, e em seguida ator, propositor, induzindo-nos a refletirmos sobre que ideias de colaboração e de coletivo podemos daí desdobrar.

A este respeito desenvolvemos atualmente pensamentos-reflexões, e já traçamos algumas ideias para o tipo de relações estabelecidas via coletividade e colaboração em nossos trabalhos, formuladas sobretudo diante de entraves destas formas, quando alocadas ao campo constituído

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

da arte. A primeira dela, já tradicionalmente discutida, é a questão da autoria. Nossos trabalhos passam a ser assinados, não como coletivo, mas com muitos nomes, inclusive de nossos colaboradores. Perguntamo-nos a que serve, senão à alimentação do próprio circuito, a definição dos termos em fichas técnicas, por exemplo? Se estamos nós mesmos exercitando maneiras subversivas de trabalho. Que denominação serviria a este texto, por exemplo? Escrita de artista, ensaio, artigo...? A que serve esse artigo a cada um de nós? A cada ação ou trabalho coletivo aprendemos, sobretudo, a observar os ecossistemas nos quais nos inserimos, e a quantidade de qualidades que cada um perfaz, como as sobreposições de interesses dissonantes que permitem que uma ação se realize, por exemplo, e que mantém em sintonia fina agentes das mais diferentes espécies, cujos interesses vezes não são requeridos como pré-requisito para a participação em colaboração, uma vez que muitas vezes questionamos a nós mesmos a este respeito. Parece-nos que, para além de arte, fazemos política. Não a política ativista, apesar de vezes acercar-se dela, mas a micropolítica, que define, redefine, seres sociais atuantes em espaços de coexistência, e não apenas cerceiam, mas desenham vidas em comum, respondendo à nossa moda, a complexa questão de Barthes (2003): Como viver junto?

Sugerimos, assim, a compreensão alargada dos termos coletivo e colaborativo, revistos como redes que expõem desejos divergentes que apontam para um sentido e/ou necessidade e/ou forma comum. A inquietação atual sugere observação atenta e pesquisa. E sugere, ao nos situar enquanto grupo de pesquisa, inscritos em ambiente acadêmico, uma espécie de metodologia alternativa à formação universitária tradicional, que sugere cruzar fronteiras e se refugiar nos mais distantes e diversos interesses, postos em comum em ação mais que em descrição.

.finalmente

Dada a sugestão, aqui pontuada e experimentada, de um texto colaborativo enquanto processo artístico, mais uma vez ressalta-se o caráter inacabado deste artigo redigido a muitas mãos. A leitura final nos presenteia

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO!
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases

Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

não apenas com contribuições de cada um de nós, de maneira a alongar para as páginas virtuais da revista, a serem compartilhadas publicamente, um outro cotidiano, desta vez de nossos encontros em grupo, dedicados a discussões das mais diversas, exibindo para nós mesmos a diversidade de temas de interesse e análise de cada um de nós, das referências não necessariamente partilhadas, e explicitam o que foi de fato a proposta desta redação: uma atividade em grupo, democrática diante das inserções de análises e motivos nem sempre compartilhados por todos, datada por este momento em que preocupações são expostas sem temor de jugos futuros, marcada pela generosidade da compreensão do texto do outro como parte do meu. Fica explícita nossa metodologia de escrita compartilhada pelo Google Docs, além de reuniões via Skype, e de colaborações (internas) que entram e saem à medida que as demais atividades de cada membro se interpõem ou não à escrita – e que, caso este texto fosse redigido em outra época (outro mês do mesmo ano, talvez), as teses seriam provavelmente outras – mas, sobretudo, ao desejo conjunto de continuar escrevendo, ao gosto de discussão nem sempre do conteúdo, mas muitas vezes da estrutura do texto, o que explicita, por sua vez, a capacidade discursiva que vai sendo construída em conjunto, que nos parece, neste momento, o maior ganho desta atividade acadêmica, em grupo, pelo grupo e em feitura alargada para quantos outros textos forem passíveis de ser escritos.

Ainda sobre a escritura, na intenção de nos desdobrarmos sobre um processo próprio, em que somos de certa maneira autores, torna este também um exercício de escrita de artista, num esforço de perceber nos atos artísticos, na Ação! seus muitos vieses políticos, desde a micropolítica à qual fora antes dedicada (e antes ainda pensada em formas que este artigo não será capaz de compreender), até o posicionamento enquanto coletivo/ colaborativo e a inserção em circuito de trabalhos inacabados, vezes levemente expostos a fim de gerar discussões, não sobre este mas sobre algo para além de suas fronteiras. Esse trabalho, que aponta para o fora, nos parece ter sido alcançado, já em alguma medida e estar, a partir deste primeiro ensaio, se deslocando ainda adiante, possibilitando discussões acadêmico-metodológicas, dentre quantas mais forem possíveis.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó - SC: Argos, 2009.

_____. *Meios sem fim: notas sobre política*. São Paulo: Autêntica, 2015.
BASBAUM, Ricardo Roclaw. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulação romanesca de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BELTING, Hans. Imagem, meio e corpo: uma nova abordagem à Iconologia. *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 32-60, 2006. Tradução de Juliano Cappi.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DUBOIS, Phillipe. Um "efeito-cinema" na Arte Contemporânea. In: COSTA, Luiz Claudio da (Org.). *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. São Paulo: Contracapa, 2009.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERREIRA, Paula Scamparini. *Escrita de auto-paisagem*. 2014. 196 folhas. Tese (Doutorado em Artes Visuais)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ação-texto em desdobramento de AÇÃO:
considerações a respeito de uma ação artística em muitas fases
Paula Sacamparini Ferreira
Grupo de Pesquisa Arte e Ecologia (GAE)

_____. Arte e cotidiano: real e ficcional nas construções fílmicas do contemporâneo. *ARTEFACTUM - Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia*, v. 12. n. 1, ano VIII.

FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *História da Sexualidade III: Cuidado de si*. 8. ed. São Paulo: Graal, 1984.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. *Teoria e prática do roteiro*. Tradução de Beth Vieira. 2. ed. São Paulo: Globo, 1999.

Recebido em 01/11/2016

Aprovado em 04/05/2017